



## **MILITÂNCIA E FEMINISMO NA CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM LIA: AS MENINAS, DE LYGIA FAGUNDES TELLES**

Sidileide Batalha do Rêgo, Jaiara Paloma Moreira, Vanderlei Francisco de Lima

**RESUMO:** Este trabalho se propõe analisar a representação feminina no engajamento social revolucionário contra o pensamento burguês da sociedade brasileira de 1970, representado na personagem Lia de Melo Schultz do livro *As Meninas* (1973) de Lygia Fagundes Telles. Segundo Ruela (2009), Lia, talvez, é a personagem mais paradoxal das figuras femininas retratadas na obra de Telles. A personagem é uma jovem menina que rompe com o modelo tradicional feminino ao tornar-se militante e lutar pela autonomia das minorias. Nessa perspectiva, obedecendo a essa linha de reflexão, a pesquisa é de cunho bibliográfica, pois realizamos uma leitura das obras referidas à luz dos estudos realizados por Ruela (2009), Beauvoir (1970), Candido (2000), Silva (2008) entre outros estudiosos. A partir da leitura da obra e da análise feita inferimos que a autora colocou em Lia as características da mulher feminista para possibilitar a reflexão sobre o papel da mulher na sociedade. Oportuna também é a representação do enredo e do cenário que realçam pontos de vista, reveladores e reflexivos sobre a injustiça e a violência banalizada no contexto do Brasil dos anos 70. Assim, com a elaboração deste trabalho esperamos contribuir para os estudos literários já existentes que focam esta temática no campo da literatura brasileira, de modo a ampliar os estudos críticos sobre a obra de Lygia Fagundes Telles.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lygia Fagundes Telles, feminismo, militância.

GT. Literatura e ensino.

**MILITANCE AND FEMINISM IN THE CONSTRUCTION OF CHARACTER LIA: THE GIRLS, BY LYGIA FAGUNDES TELLES**



**ABSTRACT:** This paper proposes to analyze the feminine representation in the revolutionary social engagement against the bourgeois thought of the Brazilian society of 1970, represented in the character Lia de Melo Schultz in the book *The Girls* (1973) by Lygia Fagundes Telles. According to Ruela (2009), Lia, perhaps, is the most paradoxical personage of the feminine figures portrayed in the work of Telles. The character is a young girl who breaks with the traditional female model by becoming a militant and fighting for the autonomy of minorities. In this perspective, according to this line of reflection, the research is a bibliographical one, since we carry out a reading of the works referred to in light of the studies carried out by Ruela (2009), Zolbin (2009), Beauvoir (1970), Candido Silva (2008) among other scholars. From the reading of the work and the analysis made, we infer that the author has placed in Lia the characteristics of the feminist woman to enable reflection on the role of women in society. Timely is also the depiction of the plot and scenario that highlight viewpoints, revealing and reflective on injustice and trivialized violence in the context of Brazil in the 1970s. Thus, with the elaboration of this work we hope to contribute to the existing literary studies that Focus this theme in the field of Brazilian literature, in order to expand the critical studies on the work of Lygia Fagundes Telles.

**KEY WORDS:** Lygia Fagundes Telles, feminism, militancy.

## INTRODUÇÃO

Meado dos anos 70 o Brasil vive uma grande efervescência política e cultural. Nesse período, após o golpe de Estado protagonizado por civis e militares direitistas para derrubar o atual presidente da república, João Goulart, o país mergulha em uma ditadura rígida que iria perdurar por quase trinta anos. Segundo Napolitano (2014, p. 4), durante esse período “A vida cultural passou por um processo de mercantilização, o que não impediu o florescimento de uma rica cultura de esquerda, crítica ao regime”. Dessa forma, artistas e intelectuais de diversos campos de atuação refletem e ajudam a construir visões críticas referentes ao golpe militar, sua repressão e tortura.



Desse modo, o romance *As Meninas* evidência um “realismo feroz”, termo este utilizado por Antonio Candido (2000) para denominar às narrativas que correspondem à era da violência urbana, da guerrilha, da migração para as grandes cidades e a marginalidade econômica e social. Nessa visão, o presente trabalho tem como objetivo analisar a representação feminina no engajamento em ideais revolucionários da sociedade brasileira de 1970, na personagem revolucionária Lia de Melo Schultz do livro *As Meninas*, de Lygia Fagundes Telles. Para alcançar tal objetivo, apropriamos da leitura do romance escolhido e de estudos realizados tendo por base Ruela (2009), Beauvoir (1970), Candido (2000), Silva (2008) entre outros estudiosos que trazem importantes contribuições para a temática que propomos analisar.

## **LIÃO: A MILITANTE**

A narrativa de Lygia Fagundes Telles, *As meninas*, obra publicada no ano de 1973, questiona de forma bastante intimista as representações femininas diversificadas que variam de acordo com a sua posição social e história de vida. Segundo Oliani e Júnior (2010) o enredo da narrativa acontece diante de um conjunto de referências sobre o momento histórico da ditadura militar no Brasil, e também, de referências críticas ao lugar da mulher na sociedade tradicionalmente patriarcal. Os autores ainda salientam que:

A autora articula dois aspectos importantes que evidenciam crises e transformações na sociedade e na cultura brasileira: a) um primeiro aspecto engloba a juventude e a sociedade brasileira em geral e a juventude feminina em particular, sob o autoritarismo da ditadura militar dos anos 60-70; b) o segundo aspecto identifica criticamente os lugares da mulher em um contexto de crise da tradição patriarcal. Ambos os aspectos estão inseridos em um período histórico e político de crise, pois tanto o patriarcalismo quanto o autoritarismo político suscitaram reações às significativas transformações em processo no mundo moderno e contemporâneo e, também, na sociedade brasileira. (OLIANI e JÚNIOR, 2010, p. 69).

Assim, Lygia Fagundes Telles constrói uma trama em que o regime militar aparece de forma velada, isto é, sutil. A sutileza no enfoque das questões militantes que transcendia a



crise política, cultural e as transformações da sociedade se dá pelo fato da escritora não ter espaço para abordar de maneira mais expansiva o que se acometia na época em que a sociedade brasileira passava por modificações tanto pelo engajamento dos jovens pelo combate as artimanhas da tradição patriarcal e político-social como também a implementação da mulher ou dos movimentos feministas contra esse mesmo patriarcalismo que se manifestava. Como bem aponta Cândido (2000, p. 257): “[...] no Brasil isso (o narrador em terceira pessoa) era difícil por motivos sociais: o escritor não queria arriscar a identificação de seu status, por causa da instabilidade das camadas sociais e da degradação do trabalho escravo”. Por essa razão, a autora traz, em *As Meninas*, monólogos escritos em primeira pessoa e, também, o discurso indireto livre como forma de mesclar a fala dos personagens e do narrador onisciente. A partir desse discurso mítico Lygia retratou passagens de um movimento que estava em ascensão, mas que não podia ser tão evidenciado por causa da censura, já que a autora pertencia ao quadro de mulheres da época.

A narrativa é ambientada em uma atmosfera densa, cheia de percepções, desejos, contradições femininas e acontece durante um período de greve da faculdade e possui o foco narrativo múltiplo que possibilita ao leitor um contato mais profundo com a personalidade de cada personagem. Dessa forma, o romance possui um narrador onisciente que nem sempre aparece presente na estória, pois, ele dá espaço às personagens para falarem por si mesmas através do fluxo de consciência. Com essa forma de narrar, o escritor “deseja apagar as distâncias sociais, identificando-se com a matéria popular. Por isso usa a primeira pessoa como recurso para confundir autor e personagem” (CANDIDO, 2000, p. 257). É por meio desse fluxo de consciência que as personagens Lorena, Ana Clara e Lia buscam o autoconhecimento e penetram num nível profundo de lembranças, ideias, sentimentos e sensações. Assim, todo esse monólogo interior dá destaque a um romance psicológico.

Para Silva (2008, p. 49), o destino das personagens da obra representa ficcionalmente o destino de uma geração movida por sonhos de liberdade tanto sexual quanto político: “é uma obra que opera com o equilíbrio entre o psicológico, o social e o político”. Assim, Telles



traz na construção das três meninas o medo de um futuro incerto em meio a um mundo contemporâneo fragmentado e a prisão das mulheres em “moldes” sociais pré-estabelecidos.

No entanto, apesar dos três discursos das personagens abordarem a representação feminina na sociedade da década de 70, nossa atenção recai sobre a personagem Lia de Melo Schultz, a figura feminina militante da obra. Filha de uma baiana e um alemão ex-nazista, Lia vai morar no pensionato Nossa senhora de Fátima após seus pais descobrirem seu envolvimento amoroso com outra mulher. Lião, como era chamada carinhosamente por Lorena e Ana Clara, era estudante de ciências sociais, contudo, ela tranca o curso e liga-se ao “*tal grupo*” que inferimos estar relacionado aos ideais ativistas de esquerda. Assim, a personagem faz parte de um grupo clandestino revolucionário que busca derrubar o governo militar. Parafraseando Napolitano (2014), os movimentos de guerrilha surgiram com o objetivo de lutar contra a Ditadura Militar. Seus participantes deveriam ter conhecimento sobre armamentos e estarem preparados fisicamente e psicologicamente para um embate com a polícia. Para tanto, apontaremos, aqui, fragmentos extraídos do romance que ilustram o que está sendo enfatizado:

- A faculdade ainda está em greve – gemeu Lorena bocejando. Apontou para minha sacola: Que é que você tem aí? Metralhadora? /  
Aprumou-se como se manejasse uma, o olho cerrado na mira, os ombros sacudidos pela descarga, “teque-teque-teque-teque-te-que...” Apontou para o casarão, “teque-teque-teque”. Descarregou em irmã Bula que finge que brinca com a Gata mas está atenta em nós. Estou sorrindo porque sei que é exatamente assim que Miguel reagiria. (TELLES, 1974, p. 13 - 14).

Este fragmento evidencia o diálogo entre Lorena e Lia, e nos mostra exatamente o que Napolitano (2014) questiona sobre os movimentos de guerrilha, pois, de acordo com a obra, a autora ressalta ou deixa transparecer uma possível simulação por meio da arma que Lorena maneja e, além disso, Lia demonstra satisfação ao ver tal cena em razão de seu namorado Miguel, porém, sabendo que, para ele aquilo não seria uma simulação, mas uma luta. Desse modo, esse historiador salienta que “[...] os estudantes forneciam a principal base da nascente guerrilha de esquerda” (NAPOLITANO, 2014, p. 94). Esses jovens



universitários, como a própria Lia, lutavam contra as injustiças políticas, sociais, culturais, humanistas e, principalmente, contra o governo opressor, a sociedade machista e capitalista. Vejamos uma passagem da obra que descreve como a personagem Lia trata dessas injustiças na sociedade daquela época:

[...] Nunca o povo esteve tão longe de nós, não quer nem saber. E se souber ainda fica com raiva, o povo tem medo, ô como o povo tem medo. A burguesia aí toda esplendorosa. Nunca os ricos foram tão ricos, podem fazer as casas com as maçanetas de ouro, não só os talheres mas as maçanetas das portas. As torneiras dos banheiros. Tudo puro ouro [...]. Assistindo da janela e achando graça. Resta a massa dos delinquentes urbanos. Dos neuróticos urbanos. E a meia dúzia de intelectuais. Os simpáticos simpatizantes [...]. (TELLES, 1994, p. 14).

Conforme vimos no trecho acima, fica explícito o sentimento de revolta da personagem para com a sociedade da época, uma vez que, o povo, a burguesia, não demonstrava nenhuma preocupação com as questões políticas, sociais e econômicas, já que estavam acomodados e luxuosamente equiparados ao capitalismo por privilegiar uns “os ricos” e desfavorecer outros “o proletariado” e/ou a camada social menos privilegiada, sejam estes entendidos como “delinquentes urbanos” ou “meia dúzia de intelectuais”, isto é, aqueles poucos que lutavam por direitos iguais.

A personagem Lia ao se preocupar com questões políticas e sociais rompe o papel padrão feminino ditado pelo patriarcalismo. Era esperado pela família de Lia que ela seguisse a regra contínua: “[...] casar cedo e ter tantos filhos quanto os pudesse engendrar a mulher” (BEAUVOIR, 1970, p.152) engajando-se apenas nas tarefas domésticas e deixando os assuntos políticos e econômicos para os homens. Refletindo sobre essa concepção tendo em vista o contexto cultural das décadas de 60 e 70 no Brasil, a instituição familiar seguia um modelo patriarcal, ou seja, a família era estruturada com a presença da mãe dedicada ao lar, do pai mantenedor da ordem e da situação financeira e dos filhos que deixariam a casa somente por meio do casamento. Vejamos no trecho a seguir esta ênfase que exemplifica o modelo familiar: “Queriam tanto ver a filha recebendo o diploma. Noivando. Noivando na sala e casamento na igreja, com vestido de abajur. [...] Os netos se multiplicando, embolados



na mesma casa, casa enorme, tinha tanto quarto, não tinha? [...]”. (TELLES, 1974, p. 26). Contudo, para Lia, a vida é feita de batalhas constantes, e, por isso, ela tenta romper com essa estrutura familiar esperada pela sociedade daquela época. Além desse pensamento, a personagem em questão apresenta características rudes, usa botas de combate e manuseia armas:

Com um movimento brusco, Lia puxou as grossas meias brancas até os joelhos. A sacola de couro resvalou para o chão, mas ela se concentrava nas meias, atenta como se esperasse vê-las escorregar em seguida. Apanhou a sacola.  
— Será que amanhã sua mãe podia me emprestar o carro? Depois do jantar. Digamos às nove, entende.  
Lorena debruçou-se na janela. Sorriu.  
— Suas meias estão caindo.  
— Ou enforcam os joelhos ou ficam desabando. Olha aí. No começo, este elástico apertava de deixar a perna roxa.  
— Mas que ideia, querida, usar meia com este calor. E sapatões de alpinista, por que não calçou a sandália? Aquela marrom combina com a sacola. (TELLES, 1974, p. 12).

A cena revela, na figura de Lia, uma mulher que não apresenta delicadezas e não se importa com futilidades femininas. Dona de uma personalidade forte, a militante esquerdista arquiteta junto com os seus companheiros de luta atos ilícitos que contrapõe o regime militar. Dessa forma, necessitava do empréstimo do carro da mãe de Lorena para a realização de panfletagens e outras situações de engajamento político. A personagem também é descrita como desleixada, pois não possui interesse em cuidar da aparência:

Quando levantou o braço (usava uma camiseta sem mangas) me levantei e fui correndo buscar a gilete, pelo amor de Deus, Lião, passa a gilete nessa axila! Ela obedeceu e fez sua distinção: ‘Axila é quando está raspado, entende. Sovaco é quando não se raspou’ [...]”. (TELLES, 1974, p. 234).

Outro aspecto de Lia hostil à feminilidade é a preferência por roupas de estilo masculino que a faz se sentir mais forte e menos inferiorizada. Nessa visão, para Beauvoir (1970, p.63) “No que concerne à mulher, seu complexo de inferioridade assume a forma de uma recusa envergonhada da feminilidade”. Observa-se na fala de Beauvoir, quanto à mulher,



esse processo de inferioridade é causado pelo conjunto de fatores que privilegiam o homem e sua superioridade, enquanto a figura feminina é transformada em um objeto submisso perante o masculino e a sociedade. Para tanto, Lia busca fugir do seu complexo de inferioridade atentando para a negação da feminilidade enquanto vive uma vida rebelde cheia de perigos. Logo, é por meio da luta por um ideal que Lia busca quebrar esse conceito configurado no seu “sexo frágil”. É importante destacar que, durante o seu fluxo de consciência, Lia vivencia conflitos internos e externos ligados à família e à sociedade.

Lião tem *O Capital* de Karl Marx como sua Bíblia “Mas o senhor Karl firme debaixo do braço, escondido e exposto, camuflado e exibido, que ninguém saiba que esta é minha Bíblia”! (TELLES, 1974, p. 50). De acordo com Ruela (2009), a obra de Marx é muitas vezes vinculada ao feminismo por ser ligado aos movimentos trabalhistas e a revolução das minorias. Já Napolitano (2014) salienta que o pensamento marxista fazia parte de alguns grupos que eram contra o regime militar. Esses grupos buscavam a realização da democracia de massa calcada em direitos sociais.

Vale destacar, aqui, que o apelido Lião dado a protagonista possui certo simbolismo. Assim, percebemos que este apelido, tanto na pronúncia e na escrita, nos faz remeter a uma simbologia à palavra Leão. A representação desse animal segundo Chevalier e Gheerbrant (2015) está associado à justiça, a juventude e a sabedoria, além de ser um animal combatível. Nessa visão, a personagem representa a busca pela justiça e a busca pela proteção do seu território (país) contra os inimigos.

É perceptível que a autora constrói a personagem Lia de modo a oferecer reflexões sociais referentes ao papel da mulher na sociedade, além de abordar em seu enredo o auge da Ditadura Militar. Esse período obscuro serve de pano de fundo para a tematização das angústias humanas relacionadas ao encontro do eu, as misérias humanas e os desenlaces amorosos.



## CONCLUSÃO

Percebemos que Lygia Fagundes Telles construiu um romance em que as personagens são dotadas de uma personalidade fragmentada em meio ao complicado processo de construção de identidade. Assim, em *As Meninas* de Telles a ênfase recai sobre o plano psicológico das personagens ao explorar os seus conflitos interiores por meio de longos monólogos. No que concerne à construção da personagem Lia, a mesma se caracteriza como forte e guerreira, no entanto, mostra-se sensível no plano interior, o que acaba tornando-a uma figura paradoxal. Outro ponto importante da personalidade de Lia é o seu forte engajamento na militância movido pelo acreditar em um ideal de liberdade e na construção de uma sociedade igualitária.

De maneira geral, a análise permite concluir que a autora colocou em Lia as características da mulher feminista para representar a reflexão de mundo, o papel e a condição da mulher na sociedade. Portanto, Lygia Fagundes Telles assume, em seu romance, uma ampla necessidade de apresentar os medos e angústias dos seres humanos. Assim, concluímos que Lia carrega consigo uma grande carga representativa da sociedade brasileira, precisamente da juventude da década de 70 e seus valores ideários.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. A experiência vivida. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1970. Disponível em: <<http://brasil.indymedia.org/media/2008/01/409660.pdf>>. Acesso em: 01 mai.2016.

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite**. São Paulo: Ática, 2000.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. RJ: José Olympio, 2015.

NAPOLITANO, Marcos. **1964: história do regime militar brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.



OLIANI, Nara Gonçalves; JUNIOR, Arnaldo Franco. *As Meninas*: entre o universo de Lygia Fagundes Telles e o universo das representações femininas. *Triceversa*, Assis, v. 4, n. 1, julho – dezembro, 2010. Disponível em: <[https://www.academia.edu/4281499/As\\_meninas\\_entre\\_o\\_universo\\_de\\_Lygia\\_Fagundes\\_Telles\\_e\\_o\\_universo\\_das\\_representa%C3%A7%C3%B5es\\_femininas](https://www.academia.edu/4281499/As_meninas_entre_o_universo_de_Lygia_Fagundes_Telles_e_o_universo_das_representa%C3%A7%C3%B5es_femininas)>. Acesso em: 01 mai.2016.

PELLEGRINI, Tânia. *A imagem e a letra*: aspectos da ficção brasileira contemporânea. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1999.

RUELA, Natália. **Feminismo e construção de identidades femininas**: *As Meninas*, de Lygia Fagundes Telles. Dissertação, UEM, Maringá, 2009. Disponível em: <<http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/nruela.pdf>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

SILVA, Daulirene Sousa. **O indivíduo e as convenções coletivas em *As Meninas***. Dissertação, UFPA, Belém, 2008. Disponível em: <[http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/2071/1/Dissertacao\\_IndividuoConvencoesColetivas.pdf](http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/2071/1/Dissertacao_IndividuoConvencoesColetivas.pdf)>. Acesso em: 27 abr. 2016.

TELLES, Lygia Fagundes. *As meninas*. 5. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1974.